

viva voz
viva voz
viva voz
viva voz



viva voz
viva voz
viva voz

N.Cham. 841.912 D952c.Pb 2006 F

Autor: Duras, Marguerite, 1914-1996.

Título: É tudo .



110240711

427774

viva voz
viva voz

Marguerite Duras

841.910

D 952c. Pb

2006

F

É tudo

Tradução de Hygina Bruzzi
Apresentação de Lucia Castello
Branco e Erick Gontijo

U.F.M.G. - BIBLIOTECA UNIVERSITÁRIA



110240711

NÃO DANIFIQUE ESTA ETIQUETA

Belo Horizonte
FALE/UFMG
2006

Tradução de *C'est tout* de Marguerite Duras
por Hygina Bruzzi.

Diretor da Faculdade de Letras

Jacyntho José Lins Brandão

Vice-Diretor

Wander Emediato de Souza

Comissão Editorial

Eliana Lourenço de Lima Reis

Elisa Amorim Vieira

Lucia Castello Branco

Maria Cândida Trindade Costa de Seabra

Sônia Queiroz

Capa e projeto gráfico

Glória Campos

Mangá - Ilustração e Design Gráfico

Tradução

Hygina Bruzzi

Revisão da tradução

Erick Gontijo

Formatação

Júnia Kelle

Revisão de provas

Erick Gontijo e João Neto Rocha

Endereço para correspondência

FALE/UFMG - Setor de Publicações

Av. Antônio Carlos, 6627 - sala 3025

31270-901 - Belo Horizonte/MG

Telefax: (31) 3499-6607

e-mail: relin@letras.ufmg.br

vivavozufmg@yahoo.com.br

BIBLIOTECA UNIVERSITÁRIA

1102407-11

Sumário

Da áspera matéria do enigma . 5

Palavras pobres que restam . 7

É tudo . 9

Da áspera matéria do enigma

Lucia Castello Branco

A experiência das Oficinas de Letras como parte da clínica psicanalítica se iniciou, para mim, em 1990, com o projeto intitulado "A devoração da imagem: o poético e o psicótico", desenvolvido de 1990 a 1994 e subsidiado pelo CNPq. Na ocasião, propúnhamo-nos investigar os pontos de tangência entre as linguagens poética e psicótica, partindo da hipótese de que algo de análogo ocorria, do ponto de vista lingüístico (do ponto de vista de uma poética da linguagem), nos dois processos. Para isso, iniciamos uma série de Oficinas de Letras, por mim coordenadas, no Instituto Raul Soares e na Clínica Central Psíquica, em Belo Horizonte.

Esse trabalho foi tomando dimensões muito mais amplas daquelas que, no início, poderíamos supor. E também passou a funcionar como um trabalho clínico-teórico que, no cerne da investigação sobre a escrita, propõe um tratamento àqueles que, seja na experiência psicanalítica, seja na experiência literária, terminam por se defrontar com a "áspera matéria do enigma".

Assim, tendo nascido de um projeto que pretendia investigar as relações entre o poético e o psicótico, as Oficinas de Letras hoje se estendem a escritores, psicanalistas e pacientes em sofrimento mental que encontram, na escrita, um suporte de experiência e transmissão dessa áspera matéria.

Foi já no momento de expansão desse trabalho que me encontrei com Hygina Bruzzi, que tão carinhosamente nomeamos de Senhora H. Com ela estamos trabalhando há cerca de três anos, acompanhando sua vasta produção no campo das letras: o ensaio, a poesia, a prosa e a tradução.

Foi no verão do ano passado que pude acompanhar sua tradução quase automática de *C'est tout*. E, durante todo o ano de 2006, Erick, o seu guardião de papéis, esteve a seu

lado, revisando a tradução, digitando, discutindo com ela algumas de suas inúmeras soluções poéticas.

Não posso dizer que qualquer um de nós que está ao lado de Hygina a acompanha. De minha parte, sinto-me como a personagem de um livro infantil que eu costumava reler, na infância: era uma lesma que seguia, reta, o seu caminho, enquanto os outros a ultrapassavam e sempre lhe diziam: "Lúcia, já vou indo". Assim se chamava o livro: *Lúcia, já-vou-indo*. E é sempre esta a experiência que tenho com Hygina — quando penso acompanhá-la, ouço-a dizer, com o humor que nunca abandonou nossos trabalhos: "Lúcia, já vou indo".

Mesmo assim, sigo, a seu lado, com reta intenção. E tenho a sorte de contar, nesse trabalho, com dois fiéis guardiães: Erick Gontijo, bolsista de iniciação científica do CNPq, e Vânia Baeta Andrade, psicanalista e doutora em Literatura Comparada pela Faculdade de Letras da UFMG. Juntos, e sós, trabalhamos, ao lado de Hygina, a dura matéria, na certeza de que "trabalhar a dura matéria, move a língua; atrai, pouco a pouco, os absolutamente sós". É esse o desejo desta publicação.

Palavras pobres que restam

Erick G. Costa

Quando começamos, já não se escrevia. Sim, porque escrever, isso nunca se pôde. Um escritor, seus escribas e uma tradução: palavras pobres que restam. Esse o encontro registrado neste livro.

Sabíamos-nos desde o início perdidos diante da escrita. Ela, H., trazia nas mãos palavras mortas, o infinito talvez, que poderia dizer em cinco ou oito letras. É tudo. *C'est tout*. Para nada? Abandoná-las em papéis esparsos. Verter palavras, suspiros apenas, entre duas línguas. Era do amor, da morte e principalmente da impossibilidade que se partiria. Mas seria preciso que se sacrificasse toda uma vida para dizê-las. Morrer, isso também não se pôde alcançar. Mas a morte lhe autorizara a escrita. Escrever, não se podia. Traduzir, talvez.

É tudo. Do encontro entre Duras e Yann, resta este livro. Do encontro entre Lucia, Hygina e o escriba que aqui registra algo dessa experiência, resta uma tradução.

Certa vez, enquanto revisávamos sua tradução, Hygina me dissera: "Você é meu guardião. Todos os meus textos estão em suas mãos". Sim. Guardo-os. Alguns poemas de cor. Dessa experiência de acompanhar H. em sua tradução, guardo, como o escriba que copia em um caderno, fragmentos e algumas lições, que sintetizam um certo aprendizado: "Escrever durante toda uma vida, isso ensina a escrever. Isso não salva nada". Mas "a palavra amor existe".

Talvez nenhuma salvação pela escrita, esse nada que se dá a ler. Mas, há o leitor, o tradutor, há os escribas. São eles leitores que doam seu corpo ao texto, fazem-no passar adiante. Nada podendo escrever, um escriba dá suporte a um texto. Nada tem a lhe oferecer, senão um apoio, um suporte de papel. E não é isso um gesto de amor? Doar esse nada que quase não se pode oferecer, submeter o corpo à leitura, à tradução de um texto, dar-lhe, silenciosamente, suporte, respiração, vida?

É tudo

Para Nada¹.

Não se sabe jamais, anteriormente,

O que se escreve.

Apressa-te em pensar em mim.

Para Nada meu amante da noite.

**Assinado: Marguerite, a amante desse
amante adorado, em 20 de Novembro de**

1994, Paris, rua Saint-Benoît.

¹ Em francês, ao se pronunciar "Pour Yann", pode-se escutar a mesma pronúncia de "Pour rien", que significa "para nada". Optou-se por traduzir o nome "Yann" por "nada". O sentido é ambivalente.

Em 21 de novembro, depois do meio-dia, rua Saint-Benoît.

Y.A.: Que dirias de vós mesmo?²

M.D.: Duras.

Y.A.: Que direis de mim?

M.D.: Indecifrável.

Mais tarde, na mesma tarde.

Às vezes eu fico vazio durante muito tempo.

Estou sem identidade.

Isso faz medo a princípio. E depois isso passa

Por um movimento de felicidade. E

Em seguida se detém.

A felicidade, pode-se dizer, um pouco morta.

Um pouco ausente do lugar onde falo.

Mais tarde, ainda.

É uma questão de tempo. Farei

Um livro.

Gostaria mas não é certo

que eu escreva este livro.

É aleatório.

Em 22 de Novembro, de tarde, rua Saint-Benoît.

Y.A.: Tendes medo da morte?

M.D.: Não sei. Não sei

Responder. Nada mais sei

Desde que cheguei ao mar.

² Mantêm-se a segunda pessoa do plural e a segunda do singular. A passagem de uma a outra se dá por um rito iniciático, no caso, a relação de amor.

Y.A.: E comigo?

M.D.: Antes e agora é
o amor entre ti e mim. A morte
e o amor. Será o que quiseres
que tu sejas.

Y.A.: Vossa definição de vós?

M.D.: Eu não sou, como nesse
momento: não sei o que escrever.

Y.A.: Vosso livro preferido definitivamente?

M.D.: A *Barragem*, a infância.

Y.A.: E o paraíso, iríeis?

M.D.: Não. Isso me faz rir.

Y.A.: Por que?

M.D.: Não sei. Não creio nisso
de modo algum.

Y.A.: E após a morte, o que
resta?

M.D.: Nada. A não ser os vivos
que sorriem para si mesmos, que se lembram.

Y.A.: Quem vai se lembrar
de vós?

M.D.: Os jovens leitores. Os
pequenos alunos.

Y.A.: Vós vos preocupais com o quê?

M.D.: Com escrever. Uma ocupação
trágica, isto é, relativo ao
fluir da vida. Estou dentro
sem esforço.

Mais tarde, na mesma tarde.

Y.A.: Vós tendes um título para o
próximo livro?

M.D.: Sim. O livro em desaparecimento.

Em 23 de Novembro, em Paris, 15 horas.

Quero falar de alguém.

De um homem de vinte e cinco anos
sem tirar nem por.

É um homem muito belo que quer
morrer antes de ser ceifado pela
morte.

Vós o amais.

Mais que isso.

A beleza de suas mãos,

É isso, sim.

Suas mãos que avançam com a
Colina – tornada distinta, clara,
tão luminosa quanto um gracejo
infantil.

Eu vos beijo.

Eu vos espero como espero,
aquele que destruirá essa graça desfeita,
doce e ainda quente.

A ti doada, inteira, de todo meu
corpo, essa graça.

Mais adiante na mesma tarde.

Eu quis vos dizer
que eu vos amava.

Gritá-lo.

É tudo.

*Rua Saint-Benoît, no Domingo
27 de novembro.*

Estar junto é o amor, a
morte, a palavra, dormir.

Mais tarde, nesse Domingo.

Y.A.: Vós direis o quê de vós?

M.D.: Não sei mais muito bem quem
eu sou.

Estou com meu amante.

O nome, não o sei.

Não é importante.

Estar junto como com um
amante.

Teria querido que isso me acontecesse.

Estar junto com um amante.

Silêncio, e depois.

Y.A.: Para que serve escrever?

M.D.: É ao mesmo tempo calar-se e
falar. Escrever. Isso quer dizer também
cantar, às vezes.

Y.A.: Dançar?

M.D.: Isso conta também. É um
estado do indivíduo, dançar. Eu já
gostei muito de dançar.

Y.A.: Por quê?

M.D.: Não sei ainda.

Silêncio, e depois.

Y.A: Sois muito capaz?

M.D.: Sim. Parece-me o suficiente.

Escrever está muito próximo do ritmo da palavra.

Segunda, 28 de novembro, 15 horas, rua Saint-Benoît.

É preciso falar do homem de A
doença da morte.

Quem é ele?

Como ele conseguiu chegar lá?

Escrever sobre a magreza,
a partir da magreza do homem.

Um outro dia.

Ele não apareceu mais no quarto.

Jamais.

Era inútil esperar seu canto, às vezes risonho, às vezes triste, às vezes morno.

Muito rápido ele se tornou o pássaro que eu tinha conhecido nos campos.

Mais tarde, nesse mesmo dia.

Fazer saber a Yann que não é
ele que escreve cartas, mas
que ele poderá assinar a última. Isso
me dará prazer, profundamente.³

Assinado: Duras.

Mais tarde ainda.

O nome chinês de meu amante.
Eu jamais lhe falei em sua
Língua.

Um outro dia, rua Saint-Benoît.

Para Yann.
Para nada.⁴

O céu está vazio.
Há dez anos que amo esse
homem.
Um homem que ainda não
nomeei.
Um homem que amo.
Um homem que me deixará.
O resto, antes, atrás de mim
antes e após mim, isso me é indiferente.
Eu te amo.

Tu, tu não podes mais pronunciar o
nome que eu carrego e dado pelos
pais.

³ Inverteu-se a ordem do advérbio, para enfatizá-lo. Parece mais adequado que *profundo prazer*.

⁴ Em francês, "pour Yann" soa como "pour rien": para nada.



Amantes desconhecidos.
Deixemos fazer se tu queres.
Ainda por alguns dias
de espera.
Tu me perguntas espera de quê,
eu respondo: não sei
Esperar.
No devir do vento
Talvez amanhã te escreverei
ainda.

Pode-se viver disso
Rir e chorar em seguida.
Eu falo do tempo que irrompe
da terra.

Não tenho mais fôlego.
É necessário que eu pare de falar.

Mais tarde.

Atividades diversas que me tentam
de tempo em tempo, por
Exemplo, a morte desse jovem.
Não sei mais como ele
Se chama, como chamá-lo.
Literalmente sua insignificância é
grande.

Silêncio, e logo em seguida.

O começo do fim desse
amor efetivamente apavorador
com o remorso de cada hora.
E depois houve a hora que se seguiu
incompreensível, saindo do fundo

do tempo.
Hora horrível.
Esplêndida e horrível.
Eu consegui não me matar
nada senão a idéia de sua morte.
De sua morte e de sua vida.

Silêncio, e em seguida.

Eu não disse o principal sobre sua
pessoa, sua alma, seus pés, suas
Mãos, seu riso.
O principal para mim é deixar
seu olhar quando ele está a sós.
Quando ele está na desordem do
pensamento.
Ele é muito belo. É difícil
apreendê-lo.
Se eu começo a falar dele
não me detenho mais.
Minha vida é como incerta, mais
incerta, sim, que a dele,
que a dele pertencente a ele,
diante de mim.

Silêncio, e em seguida.

Eu gostaria de continuar a divagar
como eu o faço por muitas tardes
de verão como aquela.
Não tenho para tal nem o gosto nem a coragem.

Em 14 de outubro de 1994

Em 14 de outubro de 1994. O título aqui não
significa nada a não ser para o autor. O
Título não quer, pois, nada dizer. O título
Também espera isso: um título.

Um cimento.

Estou no limite da data fatal.

Ela é COISA NENHUMA.

Entretanto a data está escrita sobre
o papel louro.

Ela foi escrita por uma cabeça
loura de homem.

Uma cabeça de criança.

Quanto a mim, creio nisso; creio acima de mim
o que foi escrito paralelamente
a essa cabeça de criança.

É o RESTO do escrito. É um
sentido do escrito.

É também o odor de um amor
que passava por aí, pela criança.

Um amor sem direção que tinha
sentido a carne de uma criança que
morria de tanto ler o desconhecido do desejo.

O todo se desvanecerá quando
se apagar o texto da leitura.

Em 15 de outubro

Estou em contato comigo mesma
Em uma liberdade que coincide
Comigo.

Silêncio, e em seguida.

Não tive jamais modelo.
Desobedecia obedecendo.
Quando eu escrevo eu sou da mesma
Loucura que na vida. Reúno massas
De pedra quando escrevo. As
Pedras da barragem.

*Sábado, 10 de dezembro, 15 horas, rua
Saint-Benoît.*

Vós ides direto à solidão.
Eu, não, eu tenho os livros.

Silêncio, e em seguida.

Me sinto perdida.
Morte é o equivalente.
É aterrorizante.
Não tenho mais vontade de fazer esforço.
Não penso em ninguém.
Está terminado o resto.
Vós também.
Estou sozinha.

Silêncio, e em seguida.

Não é mais da infelicidade que você
vive, é do desespero.

Silêncio, e em seguida.

Y.A.: Vós sois quem?

M.D.: Duras, é tudo.

Y.A.: Ela faz o que, Duras?

M.D.: Ela faz literatura.

Silêncio, e em seguida.

Encontrar o que escrever ainda.

Paris, 25 de dezembro de 1994.

A chuva das crianças caiu
no sol.

Com a felicidade.

Fui ver.

Depois foi necessário lhes explicar que
Era normal. Desde séculos.

Porque as crianças não compreendem,
elas não podiam
ainda compreender a inteligência
dos deuses.

Depois foi necessário continuar a andar
na floresta. E cantar
com os adultos, os cães, os
gatos.

Paris, 28 de dezembro.

Uma carta para mim.

Seria suficiente trocar ou deixar

Sem se tornar nenhum.

A carta.

31 de dezembro de 1994.

Feliz ano novo a Yann Andréa.
Eu me entedio com tuas cartas curtas.

3 de janeiro, rua Saint-Benoît.

Yann, ainda estou aqui.
É preciso que eu parta.
Eu não sei mais onde me colocar.
Eu vos escrevo como se eu vos
chamasse.
Talvez vós pudésseis me ver.
Sei que isso não servirá para nada.

6 de janeiro.

Yann.
Espero te ver no fim da tarde.
De todo meu coração.
De todo meu coração.

10 de fevereiro.

Uma inteligência abstraída de si.
Como evadida.
Quando se diz a palavra escritor a
Duras, isso constitui um duplo passo.
Eu sou a escritora selvagem e inesperada.

Mais tarde, na mesma tarde.

Vaidade das vaidades.
Tudo é vaidade e busca do
Vento.

Essas duas frases fornecem toda
Literatura da terra.

Vaidade das vaidades, sim.

Essas duas frases por si só

Abrem o mundo: as coisas, os

Ventos, os gritos das crianças, o sol

Morto durante os gritos.

Que o mundo vá a sua extinção.

Vaidade das vaidades.

Tudo é vaidade e busca de

Vento.

3 de março.

Sou eu a busca do vento.

Silêncio, e em seguida.

Há papéis que devo arranjar

à sombra de minha inteligência.

É indelével o que faço.

Sábado, 25 de março.

Lamento que os decênios

passem tão rápido. Mas estou apesar
de tudo desse lado aí do mundo.

É de tal modo duro morrer.

A um certo momento da vida,

as coisas estão acabadas.

Eu o sinto como isso: as coisas
estão flndas.

É assim.

Silêncio, e em seguida.

Eu vos amarei até minha morte.
Vou tentar não morrer
muito cedo.
É tudo o que tenho a fazer.

Silêncio, e em seguida.

Yann, tu não te sentes um pouco
caído por Duras?

Sexta feira santa.

Acolhe-me em tuas lágrimas, em
teus risos, em teus choros.

Sábado santo.

O que eu vou me tornar.
Tenho medo.
Vem.
Vinde comigo.
Rápido, vinde.

Mais tarde, na mesma tarde.

Venha ver o horror, a morte.

Mais tarde ainda.

Acaríciai-me.
Vinde ao meu rosto comigo.
Rápido, vinde.

Silêncio, e em seguida.

Te amo muito.

Eu não sei mais escrever.

O amor demasiado grande entre nós,
até o horror.

Silêncio, e em seguida.

Não sei onde vou.

Tenho medo.

Partamos juntos pela estrada.

Vem depressa.

Vou te enviar cartas.

É tudo.

Dá medo escrever.

Há coisas como isso que me
fazem medo.

Domingo 9 de abril. Ramos.

Somos ambos inocentes.

Silêncio, e em seguida.

Tenho uma vida restrita agora.

Pobre.

Tornei-me pobre.

Vou escrever um texto novo.

Sem homem. Não haverá mais nada.

Sou quase nada mais.

Não vejo mais nada.

E ainda o todo, muito tempo,
antes da morte.

Mais tarde.

Não há último beijo.

Mais tarde ainda.

Não é necessário se preocupar com
a grana.

É tudo.

Não tenho mais nada a dizer.

Nem mesmo uma palavra.

Nada a dizer.

Vamos caminhar cem metros na estrada.

Esse mesmo Domingo.

Se há um bom Deus, és tu. Quanto a ti, crês
nisto tão forte como o ferro.

Silêncio, e em seguida.

Quanto a mim, posso tudo recomeçar.

Desde amanhã.

A todo momento.

Recomeço um livro.

Escrevo.

E opa, hei-lo!

Quanto a mim, a linguagem, eu a conheço.

Sou muito forte nisto aí.

Silêncio, e em seguida.

Dizei, pois, isso se confirma Duras,
Em todo lugar do mundo e além dele.

*Quarta feira, 12 de abril, de tarde, rua
Saint-Benoît.*

Vem.

Vem no sol, não importa o que seja.

13 de abril.

Toda uma vida escrevi.

Como uma boba, fiz isso.

Nada mal também em ser
assim.

Jamais fui pretensiosa.

Escrever toda vida, isso ensina
a escrever. Isso não salva nada.

*Quarta feira, 19 de abril, 15 horas, rua
Saint-Benoît.*

Acontece que tenho gênio.

Nisso estou habituada desde agora.

Silêncio, e em seguida.

Eu sou uma ponta de madeira branca

E vós também.

De uma outra cor.

11 de junho.

Sois o que sois e isso

me encanta.

Silêncio, e em seguida.

Vinde rápido.

Rápido dai-me um pouco de vossa
Força.

Vinde ao encontro de meu rosto.

28 de junho

A palavra amor existe.

3 de julho, 15 horas, Neauphle-le-château.

Sei bem que tu tens outras
Ambições. Sei bem que tu estás
triste. Mas para mim tanto faz. Que tu
me ames, é o mais importante.
O resto tanto faz. Não estou nem aí.

Mais tarde, na mesma tarde.

Me sinto esmagada por existir.
Isso me dá vontade de escrever.
Escrevi muito freqüentemente sobre ti quando
tu partiste – sobre o homem que
amo.

Estais com o encanto mais vivo
que jamais vi.

És o autor de tudo.

Tudo o que fiz tu terias podido
fazê-lo.

Escuto dizer que tu renunciaste

A essa frase, essa frase aí.

Silêncio, e em seguida.

Será que tu escutas esse silêncio?
Quanto a mim eu escuto as frases que tu
dissesste no lugar daquela que
escrevi.

Silêncio, e em seguida.

Tudo foi escrito por ti, por esse
corpo que tens.
Vou parar por aí esse texto para
arrancar um outro de ti, feito por
ti, feito em teu lugar.

Silêncio, e em seguida.

Então, seria o quê, isso que tu
queres compreender como escrever?

Silêncio, e em seguida.

Não suporto teu devir.

4 de julho em Neauphle.

Como um medo imediato
da morte.
E após uma fadiga imensa.

Silêncio, e em seguida.

Vens.
É preciso falar de nosso amor.
Vamos encontrar as palavras para isso.
Não há palavras talvez.

Silêncio, e em seguida.

Amo a vida, assim mesmo
como ela é.
Muito bem, encontrei as palavras.

Mais tarde, no mesmo dia.

No futuro não quero nada.
Senão falar de mim ainda, sempre,
como uma plataforma
monótona. Ainda de mim.

Silêncio, e em seguida.

Quanto a mim, quero que isso desapareça ou
que Deus me mate.

Silêncio, e em seguida.

Vem rápido.
Quero mais.
O medo é menos sólido.
Deixe-me aí onde estou com o
medo da morte de minha mãe, deixada
intacta, inteira.
É tudo.

*Sábado, 8 de julho, 14 horas, em
Neauphle.*

Não tenho mais nada na cabeça.
A não ser coisas vazias.

Silêncio, e em seguida.

Isso aí está.
Estou morta.
Acabou.

Silêncio, e em seguida.

Essa tarde vamos comer algo
Muito forte. Um prato chinês
Por exemplo. Um prato da China
Destruída.

10 de julho em Neauphle.

Vós vos tornais belo.
Eu vos olho.
Sois Yann Andréa Steiner.

20 de julho, Neauphle, depois do almoço.

Os nossos beijos, creio nisso
até o fim de minha vida.

Até a vista.
Até a vista a ninguém. Nem mesmo a
vós.
Acabou.
Não há nada.
É preciso passar a página.
Vem agora.
É preciso ir aí.

Tempo. Silêncio, e em seguida.

Seria tempo de fazer
algo. Não podeis
ficar sem fazer nada. Escrever
talvez.

Silêncio, e em seguida.

Como fazer viver um pouco,
Ainda um pouco.
É tudo.
E mais eu agora. É
alguém que não conheço mais.

Silêncio, e em seguida.

Podes agora abrir teu
coração. Sou eu talvez. Não estou
perdida para ti.

Silêncio, e em seguida.

Para adoçar a vida?

Ninguém o sabe. É preciso experimentar
viver. Não se deve se lançar
à morte.
É tudo.
É tudo o que tenho a dizer.

21 de julho.

Vem.

Não amo nada.

Viria ao redor de ti.

Vem ao meu lado.

É tudo.

Quero estar ao abrigo disso.

Vem rápido me colocar em alguma parte.

Mais tarde, depois do almoço.

Não posso mais de forma alguma suportar.

Não creio que se possa nomear
esse medo. Não ainda.

Dá-me tua boca.

Vem rápido para ir mais rápido.

Rápido.

É tudo.

Rápido.

Sábado, 22 de julho. Chuva.

Não farei nada mais para

Restringir ou aumentar tua vida.

Silêncio.

Vem de encontro a meu rosto.

Silêncio.

Eu vos amarei até não vos abandonar.

Silêncio.

Sois nada. Nada. Um duplo zero.

Domingo, 23 de julho.

Não posso me resolver a não ser nada.

Silêncio.

Não poder ser como tu
é algo que lamento.

Silêncio.

Vinde comigo ao grande leito e
esperaremos.

Nada.

Silêncio.

Estou gélida pela loucura.

Y.A.: Quereis acrescentar algo?

M.D.: Não sei acrescentar. Eu sei
somente criar. Só isso.

Segunda feira, 24 de julho.

Vinde me amar.

Vinde.

Vem nesse papel branco.

Comigo.

Dou-te minha pele.

Vem.

Rápido.

Diz-me até a vista.

É tudo.

Nada mais sei de ti.

Vou-me embora com as algas.

Vem comigo.

31 de julho.

Qual é a minha verdade, minha verdade?

Se tu a conheces, di-la a mim.

Estou perdida.

Olha-me.

1º de agosto, depois do almoço.

Creio que terminou. Que minha vida terminou.

Não sou mais nada.

Tornei-me completamente apavorante.

Despedaço-me.

Vem rápido.

Não tenho mais boca, não tenho mais rosto.

DOAÇÃO

De: Feliciana V. 12
123
Em: 74 12 105
R\$: 23,00

e/ou fala vernaculamente.

vernaculização. S. f. Ato ou efeito de vernaculizar.

vernaculizar. V. t. d. Tomar vernáculo.

vernáculo. [Do lat. *vernaculu*, 'de escravo nascido na casa do senhor'; 'de casa, doméstico'; 'próprio do país, nacional'.] Adj. 1. Próprio da região em que está; nacional: "Nada mais pitoresco, nada mais vernaculo, nada mais genuinamente e mais encantadoramente português do que essas simples e modestas navegações d'água doce!" (Ramalho Ortigão, *A Holanda*, p. 83); "E à noite o primeiro gródio da serra, com os pitéus vernáculos do velho Portugal!" (Eça de Queirós, *A Cidade e as Serras*, p. 198); a língua vernacula. 2. Fig. Diz-se da linguagem genuína, correta, pura, isenta de estrangeirismos; castiço. 3. Diz-se de quem atenta para a correção e a pureza no falar e escrever; castiço.

• S. m. 4. O idioma próprio de um país. **vernal.** [Do lat. *vernale*.] Adj. 2 g. 1. Da, ou relativo à primavera; primaveril: "Transbordaram, no inverno, os cântaros dos montes; / Ao influxo vernal, fervem agora as fontes." (Bulhão Pato, *Livro do Monte*, p. 59.) 2. Diz-se dos vegetais que rebentam na primavera. [Sin. ger.: verno.] — V. ponto —

vernalidade. S. f. Qualidade de vernal.

vernalização. [De *vernalizar* + -ção.] S. f. Fisiol. Veg. Tratamento, por agentes físicos ou químicos, usado nos países frios, de uma semente, para que se encurte o período vegetativo. [Assim o trigo, p. ex., semeado na primavera após a vernalização, chega a produzir ao mesmo tempo que o trigo semeado no outono. Sin.: jarovização.]

vernalizar. [De *vernal* + -izar.] V. t. d. vernalização de.

Faculdade de Letras

U F M G

vernes. [Var. de *berne*.] S. m. pl. Veter. Inchação entre o tecido subjacente.